

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 659

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECCULO

OS DENTES DAS GALINHAS

Por MARIA ARCHER

(Ouve-se bater à porta fortes e solenes pancadadas).

A MAI — Quem é?

A VOZ DE FÓRA — Abra em nome da lei!

A MAI (afrita) — Ai Jesus! Que os meus filhos voltaram a fazer das suas! Ai Jesus! Como conseguirei livrá-los do perigo! (Abre a porta. Os passos do polícia ressoam). Senhor polícia, olhe que os meus meninos estão inocentes como anjinhos de procição. Os meus meninos não fazem mal a uma môca! Os meus meninos até fazem festinhas às formigas... (Anda dum lado para outro e diz para dentro): Venham cá, meninos. Está aqui um senhor, muito simpático, que quer ver os meus filhinhos.

O POLÍCIA — (voz grossa) Escusa de fazer-me bichinha-gata que lá por isso não deixo de catraflar a sua tropa miúda.

(Entram as crianças. São cinco).

O POLÍCIA — Mãos ao ar!

(Os pequenos gritam: — Ah! e param assustados).

A MAI — Meus filhos, este senhor quer levá-los a passear no jardim. Vão com muito juízo. E não se sujem...

O ANTÓNIO — (a choramingar) O que êle quer é prender a gente... Mas eu não fiz mal nenhum. A Luíza é que fez. Entornou o frasco da tinta em cima da roupa que a vizinha do rés-do-chão tinha à janela...

(Os outros riem).

A MAI — Oh Luíza! Pois tu fizeste semelhante maldade! Ai que os meus filhos são a minha vergonha!

A LUÍZA — (choraminga) Ih! Ih! Ih! (É mentira... O António é mintiroso...)

A MAI — Senhor polícia, é por via disto que prende os meus filhos?

O POLÍCIA — (voz grossa.) Não! A patifaria foi maior! Muito maior! Isto são mesmo uns bandidos de Chicago!

A LUÍZA — (a choramingar) O Chico é que roubou o chinó do vizinho de baixo...

(Os outros riem).

A MAI — O quê? Que história é essa? Como foi isso?

A LUÍZA — O Chico arranjou uma vassoura de papel e pôs-lhe na ponta gôma arábica. O vizinho estava no quintal, a dormir. O Chico deixou cair a vassoura, de vagarinho, e o chinó pegou-se a ela. Daí a bocado puxou o rio e o chinó veio agarrado. Quando o vizinho acordou fez chintrim com a criada, bateu no cão, deitou água quente no gato... foi o fim do mundo!

A MAI — Ai! Os trabalhos da minha vida! O Chico! Pois tu fizeste uma tamanha pouca vergonha? Tú?! Tu?! Chico?!

O CHICO — (choraminga) É mentira... A Luíza é mintirosa... (os outros riem).

A MAI — Senhor polícia, é por via disto que prende os meus filhos?

O POLÍCIA — Não, senhora. O caso é mais graúdo. Os seus filhos são «gangsters», fique a senhora sabendo! Nem a senhora calcula de quanto êles são capazes!

O CHICO — A Filomena arranjou uma cana com um prego na ponta, foi para a janela do saguão e com o prego abriu, uma por uma, todas as



gaiolas com passarinhos que o vizinho tinha no pátio, para vender... (Os outros riem).

A MAI — Ih! Ih! Ih! Ai os meus filhos são os meus pecados! E o pobre passarinho que despediu o caixairo, bateu no filho, ralhou com a mulher, multou a criada! Ó Filomena, pois tu fizeste essa tratantada?

A FILOMENA — (chora) É mentira... O Chico é mintiroso...



A MAI — Senhor polícia, é por via disto que prende os meus filhos?

O POLÍCIA — (voz grossa) Não! Não! Não! Os meliantes fizeram mais, muito mais!

A FILOMENA — A Cândida é que



partiu a clarabóia do fotógrafo (Os outros riem).

A MAI — Pois tu, também, Cândida! Tu que parecias o melhor de todos! Mas como foi isso? Como fizeste tu tão grande maldade?

A FILOMENA — Ela disse que às

vezes há chuva de pedra... Então encheu um cesto de pedras e atirou-as tôdas sôbre a clarabóia, quando o fotógrafo estava a trabalhar... a tirar o retrato a uma menina, com um ramo de flores na mão... A menina desmaiou. O fotógrafo gritou. Chamaram por socorro. Veio a polícia. Vieram os bombeiros. Veio a automaca da Cruz Vermelha... Juntou-se gente... (Os outros riem).

A MAI — Senhor polícia, então é por via disto que prende os meus filhos?

O POLÍCIA — Não, senhora. Upa! Upa! A patifaria é de arromba, vai a senhora ver!

A MAI — Pois tu, Cândida, fizeste semelhante barbaridade? Parece impossível!

A CANDIDA — É *mintira*. A Filomena é *mintirosa*. Ih! Ih! Ih! O António é que regou com a mangueira de jardim os boiões da marmelada que a doceira pôs a secar aosol... (Os outros riem).

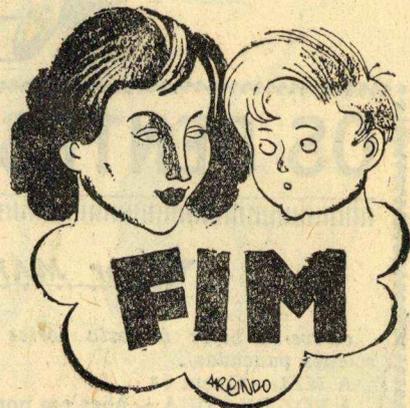
A MAI — Isto já é demais! O António, a Luíza, o Chico, a Filomena, a Cândida! Todos endiabrados! Os meus filhos são piores que «gangsters»! Diz bem, senhor polícia, diz bem. Então é por via disto que os leva para a prisão? E tem a certeza de que a prisão é bem segura?

O POLÍCIA — Segura? Isso é, sim senhora. De lá não se escapam eles, nem voltam a ser o flagelo da vizinhança. Mas não é por isso que os prendo...

A MAI — Então, porque é, senhor polícia?

O POLÍCIA — Porque êsse rancho de marotos assaltou as capoeiras aqui do lado e roubou os dentes das galinhas...

(Os miúdos berram, num grande alarido).



O AVÔ E O NETO

Por GRACIETTE BRANCO



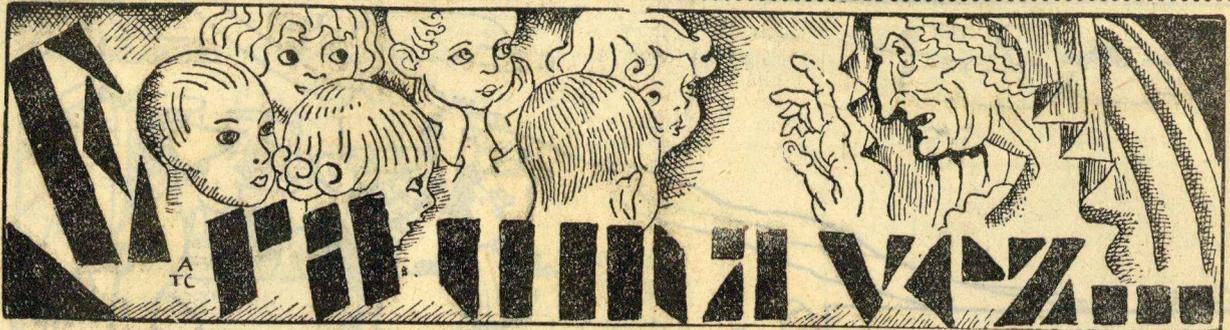
Avô e neto — o Inverno, a Primavera!
Um pôr de Sol e um belo alvorecer.
Um sonho a diluir-se, a esmorecer,
e um raiar triunfante de Quimera!

Olhar cansado de fitar o Céu,
de contar horas, dias, meses, anos...
Cortejo de incertezas, desenganos,
noite distante, escura como breu...

Manhã de Sol ridente, luminosa;
olhar curioso, límpido, inocente!
Uma bôca a sorrir, constante...
Alma tranqüila, franca, generosa...

Um representa, a noite; o outro o dia...
Um é o desengano; outro a esperança...
Um, a calçada íngreme que cansa.
Outro a estrada florida que enebria...

A todos acontece igual destino.
Mas na graça inocente do petiz,
o Avô revive a época feliz
e volta, novamente, a ser menino.



HISTÓRIA dum FEIJÃO

por MILAU

Era uma vez um feijãozinho raiado que vivia muito triste e desgostoso. Todas as vezes que pensava na sua pequenez sentia vontade de chorar, mas isso não lhe era possível; pois quem viu um feijão chorar?

O desgraçado cismava, cismava...

— «Uma coisa assim! De que sirvo nesta vida?!».

E o seu desgosto era tão grande que os veiozinhos escuros, que lhe davam tanta graça, se tornavam quasi negros como se o pobre feijão quisesse tomar luto.

Estava para ali a um canto, sózinho, sempre a lamentar a sua vida, até que um dia...

Nem ele soube como aquilo foi; sentiu-se rebolar, saltar (alguém lhe deu, por certo, um pontapé) e o feijãozinho atordoado, sem saber como, encontrou-se num terreno brando, numa caminha macia — a terra — e, daí a pouco, tapado com um quente cobertor.

Achava-se ali muito bem e... adormeceu.

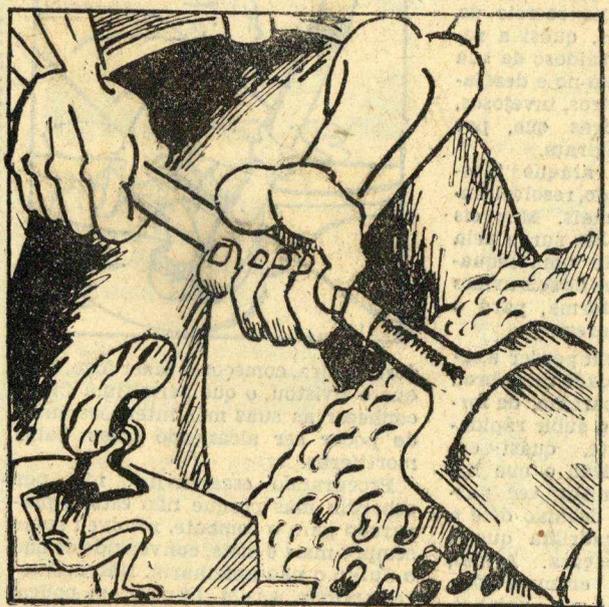
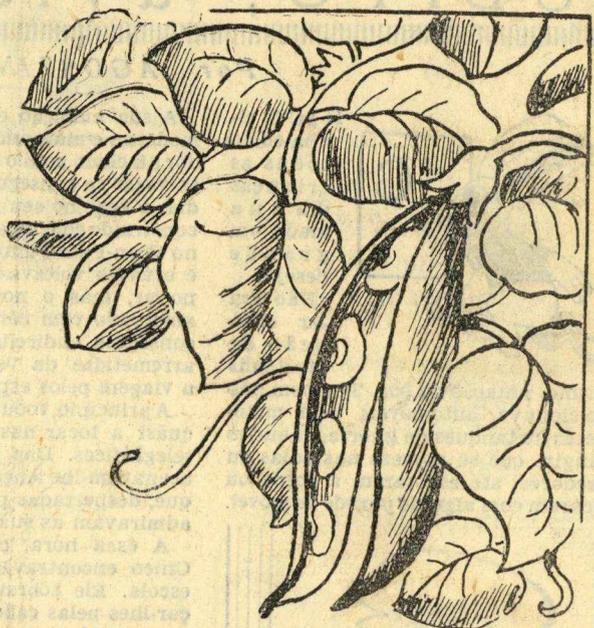
Sonhou, então, um sonho lindo:

Uma nuvem muito branca, que corria pelo céu, parou e olhá-lo, e disse-lhe:

— «Estás triste, achas-te insignificante? Que erro! Olha!...»

Então, o feijãozinho viu-se como num espelho.

Primeiro debaixo da terra; depois, principiando a ger-



Veio um homem do campo, e sentou-se ali perto com uma tigela de sopas; comia com muito apetite e o feijão quis ver o que seria aquele manjar. Qual não foi o seu espanto ao ver que eram também vagens de feijão, verdinhas e tenras, aquele alimento belo e saboroso!

Então a nuvem mandou-o olhar para outro lado, e ele viu uma eira onde muitos homens malhavam alegremente as vagens já secas, donde saíam feijões como ele era, como ele fóra.

Depois viu uma casa pobrezinha. Crianças sentadinhas no chão, comendo gostosamente o caldo que a mãe lhes servia em tigelas, caldo de feijão, que deitava um cheiro delicioso.

— «Vês, — disse a nuvem — como eram injustas as tuas lamentações?»

Tornarás a dizer que não serves para nada?

Deixa-te ficar aí, debaixo da terra, quentinho e agasalhado. Espera...

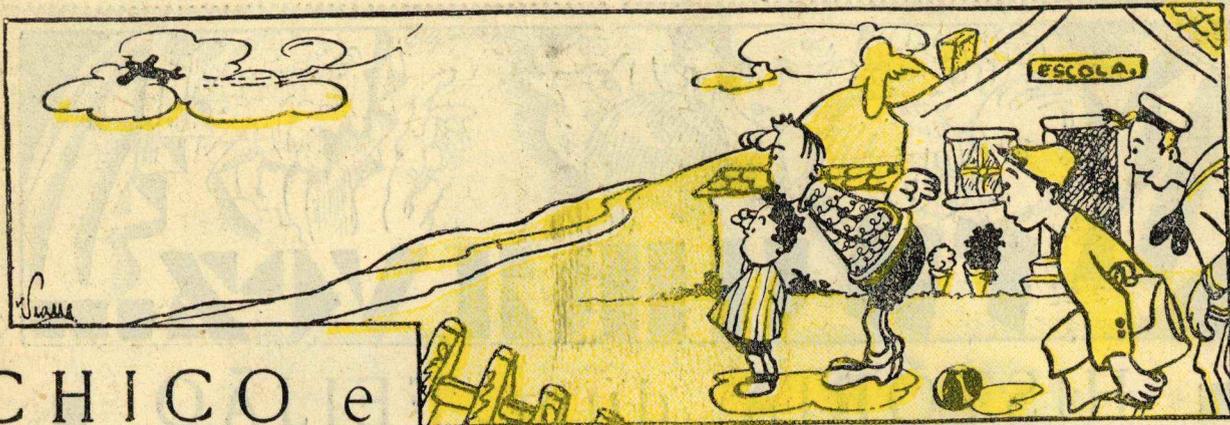
Germinarás e crescerás; as tuas vagens alimentarão os homens. Mais tarde, depois de secas, os grãos dessas vagens — quem sabe? — matarão talvez a fome àquelas criancinhas; outros grãos lançados à terra germinarão como tu.»

Esta pequena história ensina-nos que nunca devemos desanimar. Este porque é pequeno, aquele fraco, outro doente, já lhes parece que não servem para nada. Que ilusão! Basta haver força de vontade e desejo de ser útil, para que encontremos maneira de prestar serviços, conforme as nossas forças.

minar e, pouco a pouco, tornado uma planta verde, surgindo cá fora, e crescendo, crescendo...

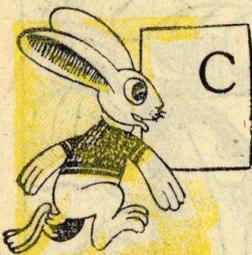
Tão bonita! Agora principiava a enlear-se numa cana e as folhas eram lindas, do feitio de coração.

Depois, todo florido, ainda mais lindo estava e, mais tarde, apareciam as vagenzinhas, o «feijão verde» tenrinho.



CHICO e JULITO, aviadores rivais

Por AGOSTINHO DOMINGUES



CHICO tinha como tódas as crianças da sua idade, um grande desejo.

Não era ser campeão de «football»

ciclismo, natação ou box. Também não ambicionava automóveis nem motocicletas ou tanques de guerra, daqueles a fingir, que se movem nas salas ou corredores, até esgotarem a corda ou chocarem com alguma parede ou móvel.

A sua ambição era mais alta, mais moderna e mais audaciosa: — ser aviador! E como aquilo que muito se deseja, às vezes se consegue, Chico viu-se, um dia, a voar no seu pequeno aeroplano, construído com uma armação publicada no «Pim-Pam-Pum». Fazia muito vento e o avião voltava-se freqüentes vezes no ar, mas o nosso jovem aviador, amarrado com correias ao seu lugar, conseguia endireitá-lo e, rindo-se das arremetidas da ventania, continuava a viagem pelos espaços.

A princípio, voou, baixo, sobre Lisboa, quasi a tocar nas chaminés e postes telegráficos. Das janelas e das ruas acenavam-lhe lenços amigos, de pessoas que, despertadas pelo roncar do avião, admiravam as suas evoluções.

A essa hora, os companheiros de Chico encontravam-se no recreio da escola. Ele sobrevooou-os, quasi a roçar-lhes pelas cabeças, vaidoso da sua proeza. Alguns saudaram-no e desejaram-lhe boa viagem; outros, invejosos, atiraram-lhe pedras que, por pouco, o não atingiram.

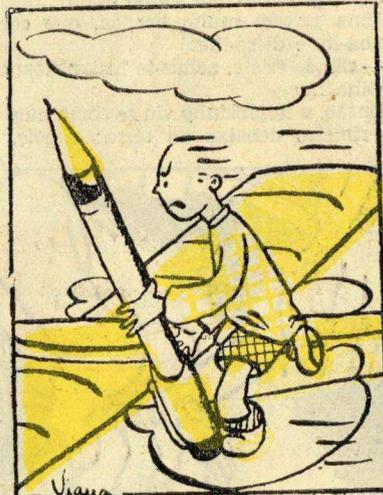
Salvo daquele ataque inesperado, resolveu subir mais. Mas eis que lhe surge pela frente uma esquadrilha de seis aviões em forma, para o atacarem.

Sem perder a serenidade manobrou o aparelho, de forma a subir rapidamente, quasi em vertical, o que lhe permitiu ver passar debaixo d'ele a esquadrilha que o ameaçara. Afinal, não eram aviões, mas seis bombas.

Para se livrar de mais surpresas e como iniciara o vôo ascensional, continuou a subir e pros-

seguiu na viagem, vindo, a seus pés, não já o casario da cidade, os minúsculos transeuntes e automóveis nas ruas, mas um tapete de finíssimo algodão em rama, onde lhe apeteceu repousar. Mas quis o destino que nem naquelas altas e etéreas paragens, êle pudesse voar tranquilo.

Um dos seus companheiros, mais invejoso e audacioso, o Julito, jurara derrubá-lo. Para o fazer, subiu noutro avião igual ao do Chico e foi em sua perseguição. Munido de uma metralha-



dora ligeira, começou a fazer fogo, logo que o avistou, o que permitiu a Chico conhecer as suas más intenções antes de poder ser alcançado pelas balas mortíferas.

Procurando escapar-lhe, não por cobardia mas porque não estava preparado para o combate, resolveu subir sempre mais e mais, convencido de que o Julito o não apanharia. Não aconteceu, porém, assim. Dentro em pouco, o Chico reconheceu ser impossível furtar-se a combater ou a morrer. Fazendo, por isso, da sua lapiseira, que levava nobólso, uma metralhadora, e da caneta

(Continua na página 6)

COISAS DA VIDA

Por FELIZ VENTURA

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO

Certo dia
Dona Rôla
que era tôla,
muito tôla,
muito tôla, e linguareira,
disse, tôda mesureira:

— «Vizinha,
vamos tentar
fazer uma linda festa
em que entrem tôdas as aves
que habitam cá na floresta?»

Haverá
música e dança
e o Pintassilgo cantor
marcará
a contradança
em que mostre o seu valor.



só para a lisongear.
Não, senhora, é a verdade.
P'ra mim a sinceridade
vale mais do que um tesoiro!

Inda ontem, à noitinha,
quando a vizinha
cantava
uma linda melodia,
ouvi
à senhora Carriçinha:

— «Que lindo, que lindo é
o cantar da Cotovia!»

O trigo é dor condensada
Pela mão do lavrador,
Cada grãozinho é bag...
Do seu amargo su..!

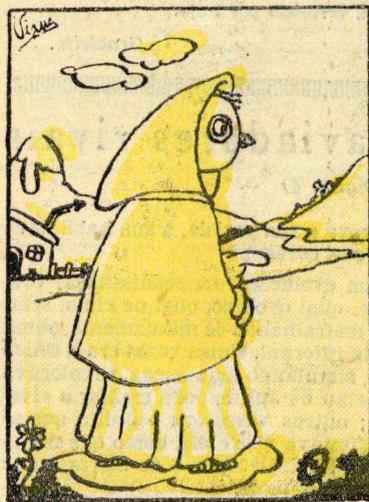
Respeitai as mãos calosas
Do trabalhador rural,
Que de espinhos fazem r....
Para bem de Portug..!

Depois, a Dona Carriça
— que nisto não tem rival —
dirá, com sua voz de oiro,
as mais belas poesias
da Selecta Florestal.

o Mocho, grande doutor,
— portanto, o mais competente —
num discurso eloquente,
fará a apresentação,
de quem entrar nesta festa,
a todo o bicho presente.

E, por fim, a terminar,
a vizinha há-de cantar
algumas das lindas modas
que tem no seu repertório.

Mas não suponha que estou
nestas coisas a falar



Quem me dera ter, como ela,
voz com tamanha magia!
Já vê, pois, minha amiguinha,
que não lhe assiste o direito
do convite recusar.»



O CÁGADO APOLO...

... cumprimenta os leitores e vem avisá-los de que, em virtude de se encontrar doente o Chico Macaco, passa a colaborar nas páginas do «Pim-Pam-Pum» e espera que tenham para ele a mesma simpatia que sentiam pelo macaquinho.

(Continua na página 6)

COISAS DA VIDA

(Continuação da página 5)

Cotovia,
agradecida
por tal prova de respeito,
disse, cheia de alegria:
— «Como me sinto contente
por vêr que tu és sincera!...»

Dona Rôla,
que era tôla,
muito tôla
e lingüeira,
fingiu um ar sorridente
e, depois, modestamente,
a outra cumprimentou
e para longe voou.

Decorridos uns momentos,
ao passar
a Cotovia
pelo carvalho maior,
que ao fundo da mata havia,
ouviu a Rôla falar
e, chegando-se melhor,
oculta pela ramada,
ainda pôde isto ouvir:
— «Ai como nós vamos rir
da tôla da Cotovia!
Calculem que eu já lhe disse
que era a melhor voz que havia!...
Que cousas irá cantar
na festa que vamos dar?!»
E a Rôla, a Pega e a Poupa
— que formavam companhia —
romperam à gargalhada.

A Cotovia,
pasmada,
nem queria acreditar!
E foi-se de ali, jurando
jamaiz tornar a falar
à tôla
da Dona Rôla,
muito tôla e lingüeira.

Palavras de alguns amigos,
quem lhes pode dar guarida?
Há muitos casos como este...
Há muitas rôlas na vida!

F I M

combate, Julito precipitou-se no solo,
com o avião em chamas.

Chico, ao vêr a desgraça do compa-
nheiro, lançou um grande grito e...
acordou!... Ainda assustado, esfregou
os olhos com ambas as mãos e certifi-
cou-se, com alegria, de que tudo aquilo,
afinal, não passara de sonho.

Lê, minha menina...



Minha querida Menina Portuguesa.

Estou muito contente, muito enternecida contigo, pelas lindas cartinhas que tenho recebido

Eu pensava que vocês, nas férias, tôdas entregues aos prazeres do mar, se esqueciam um pouco da vossa grande amiga Graciete mas reconheço, agora, com satisfação, que o meu juizo era injusto. De todos os pontos do país, de praias, campo e termas, chegam-me às mãos encantadoras cartinhas, tôdas exprimindo uma grande alegria, um saudável contentamento e uma sincera amizade. A tôdas vocês eu trago no coração, com dedicada amizade e profunda ternura.

Continuem escrevendo, para que, terminadas as férias, eu publique no nosso querido *Pim-Pam-Pum*, a cartinha melhor redigida e mais interessante.

Também estou satisfeita com as inscrições que tenho recebido para o Curso de Dicção que vou abrir, na minha casa, já no próximo Outono, em Lisboa.

As meninas ainda não inscritas, podem escrever-me, agora, para a minha casa na Quinta de Santa-Rita, em S. João do Estoril, que eu as informarei de tôdas as condições de inscrição.

Fica aguardando as vossas cartinhas a amiguinha

Graciete.

CORRESPONDÊNCIA

MARIA OTILIA DAS NEVES. — A carta da tua mãe, deu-me muito prazer. Brevemente lhe responderei. Saúdaes.

RICARDINHA — Lousã. — Agora já sei a que assunto te referes. Vou procurar a coleção e enviar-ta-el. Escreve sempre.

MARIA JOSÉ PRAZERES SEQUEIRA. — Então continuas a escrever torto, a pesar-dos meus pedidos?

A tua carta vinha ainda muito imperfeita, Terei uma grande alegria quando es- creveres com perfeição. Saúdaes.

MARIA MANUELA DA S. PEREIRA. — Adorei a tua cartinha, tão simpática, tão cheia de expres-ões afectuosas. Sou muito tua amiguinha, acredita. Verás que, dentro em pouco, já saberás recitar e depois levo-te ao microfone, para que tod o mundo te ouça.

Já percebi que tens muito jeitinho.

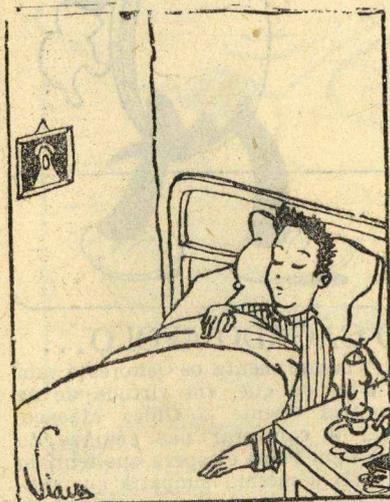
Como não tenho espaço para mais respostas, termino por hoje.

Amiga certa

Graciete.

CHICO e JULITO, aviadores rivais

(Continuado da página 4)



um canhão, aceitou o combate. E então é que os dois jovens aviadores puseram

à prova a sua perícia, a sua habilidade e a sua corágem.

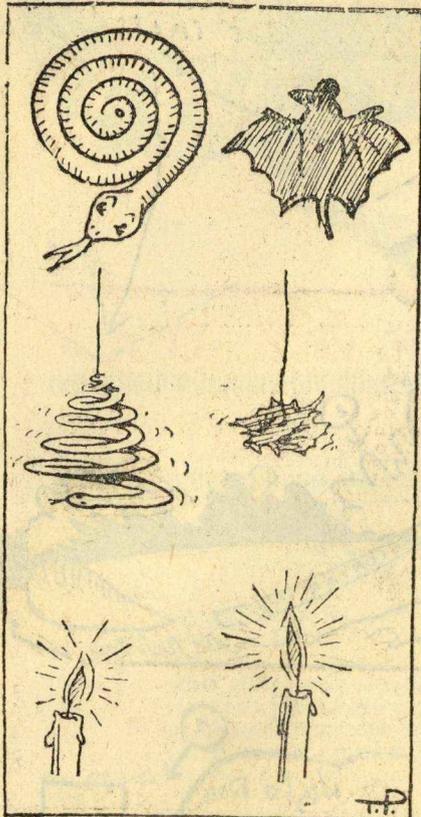
Em evoluções arriscadíssimas, voavam, qual debaixo, qual de cima, sempre metralhando-se mutuamente, numa fúria infernal. Uma vez era o Chico que, simulando uma queda, se colocava debaixo de Julito, para melhor o alvejar; outras vezes era o Julito que se precipitava sobre êle, como que numa ânsia de destruição e de morte, a que não se poupava.

Em luta tão feroz, algum dos dois aviadores rivais havia de sucumbir. Julito, que subira armado para o combate, levava essa vantagem sobre o Chico, mas êste, em compensação, construíra o seu aparelho com cartão muito mais forte, o que lhe permitia resistir às balas do inimigo.

Assim, como não podia deixar de acontecer, para que a inveja ficasse castigada, ao cabo de longo e renhido

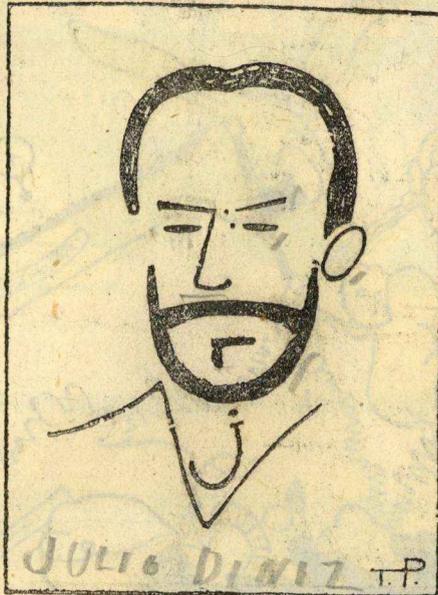
A COBRA QUE GIRA E O MORCEGO QUE VÔA...

QUEM ADIVINHA? UM DESENHO ERRADO



... Eis dois brinquedos engraçados muitos fáceis de fazer.

Recortem em papel duas figuras iguais às da gravura, mas em ponto maior, claro está e atem-lhes uma linha como se vê nos esquemas, após o que basta, apenas, pô-los sobre o calor dum candieiro ou qualquer chama, para vê-los a cobra girar com bastante rapidez e o morcego começar a agitar-se e dar a impressão de voar.



Juntar as letras que formam esta figura, de maneira a formar o nome dum notável escritor.

Solução do número passado

João de Deus — Nascido no Algarve a 8 de Março de 1830 e falecido em Lisboa a 11 de Janeiro de 1896, este poeta e escritor celebrou-se com as obras «Campo de Flores» e «Prosas», e ainda com a «Cartilha Maternal», considerada pelas Côrtes de 1883, método de ensino nacional.



Este desenho contém um erro, mas um erro tão flagrante que, por certo, não passará despercebido aos olhinhos espertos do leitor do «Pim-Pam-Pum».

E' tão grande que até o sol está es-pantado!

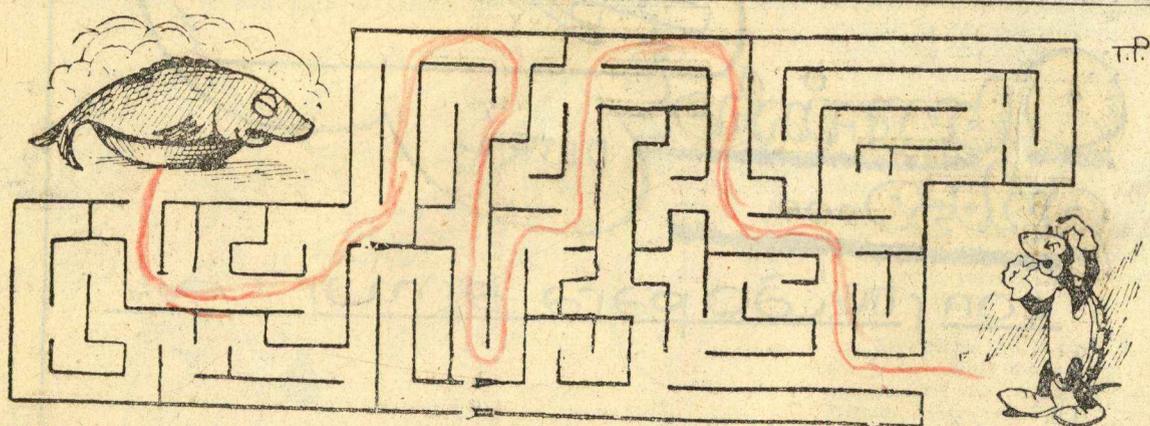
E não é para menos!

Sereis capaz de o descobrir?

A NOSSA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

INSTRUÇÕES: Cola-se a folha em cartão grosso, depois recorta-se muito bem e ligem-se com ataches os pontos numerados, Verão como e engraçado a Ana a puxar o burro e êle o querer comer a cenoura!

L
A
B
I
R
I
N
T
O



Os cágados, como vocês sabem, são perdidos por peixe. E Apolo, como cágado que se preza, tem os mesmos gostos.

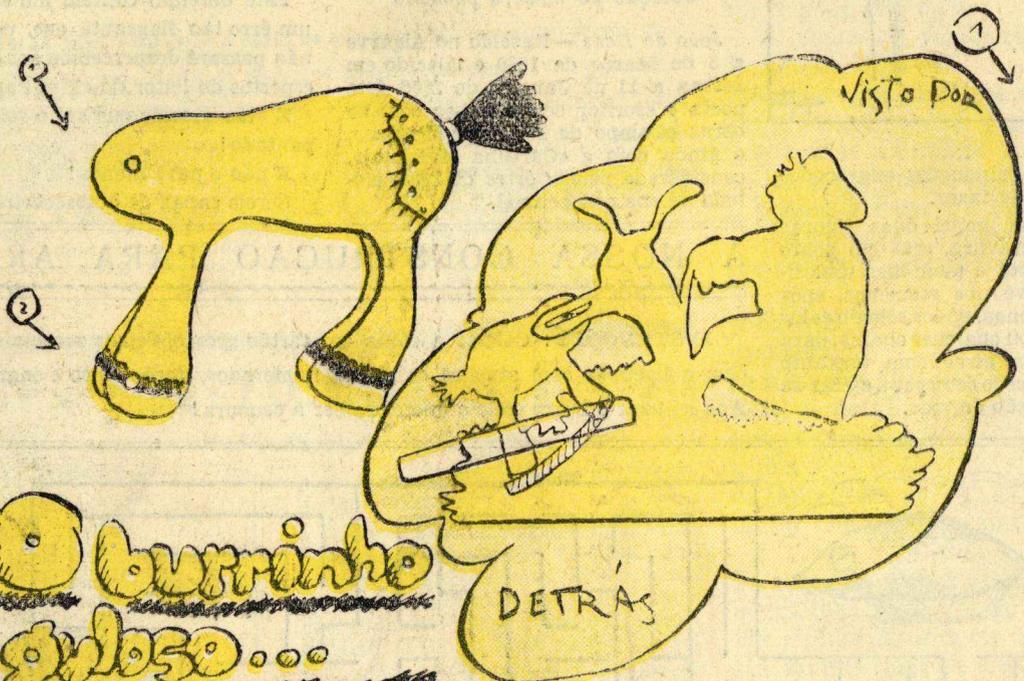
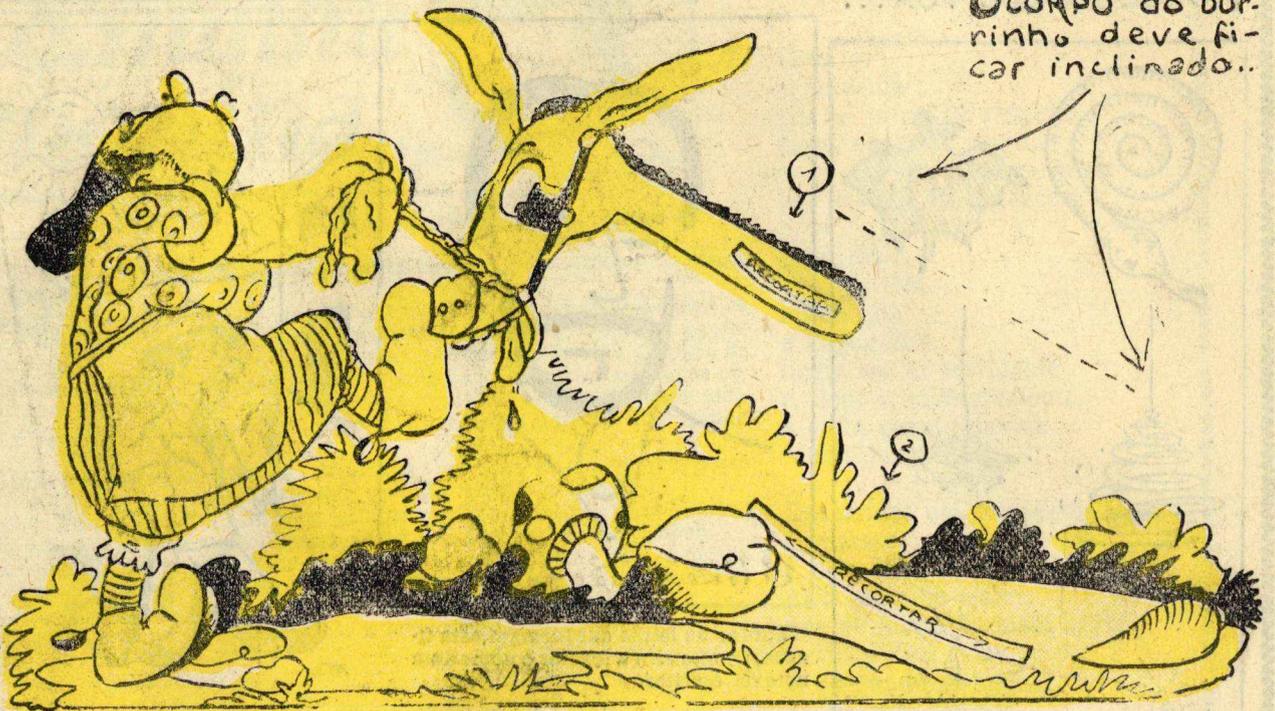
Portanto, calculem a sua aflição ao

saber que, um determinado sítio, está um riquíssimo goraz e que, para o alcançar, sem de seguir por vários caminhos que não conhece. E se se perde?

Por isso os leitores praticariam uma boa acção se lho ensinassem, que êle, — quem sabe? — repartiria convosco o seu saboroso «pitêu».

ELIZIO ALVES

O corpo do burrinho deve ficar inclinado..



O burrinho guloso...

construção para armar por

Vias

VER INSTRUÇÕES
NA PÁGINA 7